

3 + 1

Horizonte de Eventos

Fernando Mello Brum

23.01.26 – 14.03.26

Inauguração 23.01.26, 18h – 21h

A experiência mais bela que podemos ter é a sensação de mistério. É a emoção fundamental, o berço da verdadeira arte e da verdadeira ciência. Quem não a conhece e não se consegue mais maravilhar está praticamente morto; os seus olhos estão fechados.

Albert Einstein¹

Em 1928, uma empresa americana de telecomunicações contratou o jovem físico Karl Jansky para investigar as várias interferências que afetavam as transmissões de voz por rádio. Com apenas vinte e três anos, Jansky respondeu à tarefa construindo uma grande, improvisada e desajeitada antena com trinta metros de altura, composta por várias estruturas de metal rotativas montadas sobre quatro rodas. Algures entre uma peça de maquinaria agrícola, um conjunto de barras de ginástica e uma escultura cinética minimalista, o dispositivo foi apelidado de forma trocista de *Jansky's Merry-Go-Round* (Carrossel do Jansky) pelos seus colegas.

O seu movimento estável e rotação constante tinham sido desenhados para capturar todas as possíveis fontes de ruído de rádio: tempestades elétricas, maquinaria industrial, transmissores radiofónicos e outras perturbações atmosféricas. O tempo e intensidade destes sinais era registado continuamente através de um sistema de anotações a caneta e papel, uma espécie de diário de bordo mecânico de atividade invisível. Entre esta sinfonia de interferências silenciosas, destacava-se um sinal. Não importava onde a máquina era colocada ou em que direção era apontada, havia sempre um fraco mas persistente zumbido cuja origem era impossível localizar. Depois de mais de um ano de observação e várias hipóteses erradas, Jansky concluiu que o sinal não tinha origem nem no sol, nem na Terra, mas a uma distância inimaginável, algures fora do sistema solar.²

Há algo que me atrai, de forma quase inexplicável e magnética, na ideia de que o trabalho de Fernando Mello Brum pode funcionar como uma espécie de dispositivo de gravação semelhante sintonizado nos sinais gráficos, texturais, cromáticos e poéticos que o rodeiam. A sua prática também parece emergir de observações prolongadas e atos repetidos de atenção ao inefável e impercetível. Enquanto as “antenas” que o artista utiliza para recolher certas impressões fugazes são variadas — desenhos rápidos, fotografias, poemas, frases soltas e até rascunhos digitais — todas são registradas para, eventualmente, serem introduzidas nas suas pinturas. Tal como a máquina rudimentar de Jansky, as telas de Mello Brum recorrem a meios humildes, mas também se orientam para uma procura de questões abrangentes e ambiciosas. As pinceladas e vestígios ocasionais de carvão e pastel nas suas composições dão mais que forma a certos sinais, articulam uma questão pictórica e teórica que procura encontrar as conexões elusivas entre a astrofísica e as artes. Podem estes reinos aparentemente distantes do invisível cósmico, da poética inominável e do irrepresentável pictórico realmente convergir no mesmo horizonte?

Esta exposição, a primeira apresentação individual de Mello Brum na galeria, pode ser lida como uma resposta polissémica e aberta a esta pergunta — mais próxima de um enigma de um oráculo ou de um zumbido inaudível do que uma resposta definitiva. O título da exposição, *Horizonte de Eventos*, introduz a linha de investigação do artista em curso, ao mesmo tempo que nos leva de volta à origem distante do sinal descoberto por Jansky. A 15 de maio de 1933, o misterioso zumbido foi apresentado ao vivo da rádio NBC; milhões de americanos ouviram-no sem saberem exatamente o que era ou

3 + 1

de onde vinha. Só vários anos mais tarde foi descoberto que o zumbido vinha de um buraco negro localizado a cerca de trinta e três mil anos-luz do nosso pequeno planeta.

Apesar de o termo fazer há algum tempo parte da minha linguagem, só recentemente comecei a perceber, ainda que vagamente, o que um buraco negro realmente é. Aparentemente é criado quando uma estrela para de arder. Por causa da sua massa imensa, a única força que a impede de cair é a sua constante combustão. Quando este fogo se extingue e a força equilibrante desaparece, o peso da estrela torna-se esmagador, fazendo com que colapse em si mesma com a gravidade, criando gradualmente um infundo vazio. Em linguagem comum, um buraco negro é frequentemente imaginado como um lugar de onde não há retorno — o que é realmente verdade. Na astrofísica, este ponto de irreversibilidade tem um nome preciso: o horizonte de eventos. Esta fronteira marca o limite além do qual nada pode ser recuperado, onde visibilidade, medida e conhecimento falham, e onde o próprio tempo parece estender-se. Constitui um *non plus ultra* (nada mais além) além do qual a realidade como a conhecemos deixa de funcionar como uma referência.

Acho esta aplicação cósmica da noção terrestre de horizonte particularmente interessante. Na Terra o horizonte tem conotações semelhantes: é mais do que a linha onde a terra ou o mar tocam o céu. Funciona como um limite que cria a dualidade, a tensão, entre o *aqui* e o *ali*, o *visível* e o *invisível*. Desde há muito tempo associado com desejos de transcender ou futuros imaginados, o horizonte não é uma visão real, é uma linha fictícia e abstrata: pode ser observado, representado, até pintado, mas nunca alcançado. Há muito que a história da pintura explora estas propriedades, usando o horizonte para dar estrutura ao espaço e transmitir significados: desde os sistemas fixos de perspectiva do Renascimento, o horizonte Romântico repleto de saudade e infinito, as paisagens do período colonial onde carregava devaneios masculinos de conquista e dominação, até ao seu gradual desaparecimento e dissolução na pintura moderna com o abandono do realismo e subsequente surgimento da abstração. É entre esta noção astronómica, filosófica e histórica de limite, este horizonte cujo significado e entendimento começam a mudar, na ciência e na arte, que as pinturas abstratas de Mello Brum se situam.

Tendo como base uma atenção exigente ao mundo, a prática de Mello Brum demora-se em fenómenos marginais e quase insignificantes: o bolor que se espalha por uma superfície, a textura da parede, combinações subtis de cores, a geografia perfeita dos ramos secos. Estes detalhes aparentemente insignificantes que permanecem no limite do radar das pessoas frequentemente ocupam um espaço central no trabalho do artista — assim como no trabalho de poetas que admira, em especial do poeta brasileiro Manoel de Barros. Como numa espécie de horizonte de eventos pictórico, assim que estes elementos cruzam a fronteira das anotações multimédia do artista e entram nas suas pinturas, a sua identidade original torna-se inalcançável. Já não funcionam como referentes ancorados na realidade, uma vez que, habitam agora uma zona liminar onde referências colapsam e o tempo em si é alterado. Da mesma forma que o tempo se prolonga no horizonte de eventos, estas obras parecem convidar a uma observação mais lenta e a um envolvimento sustentado com o mistério.

Quase um século depois de Jansky ter construído a sua antena e detetado o som vindo de fora da nossa galáxia, um telescópio gigante tirou a primeira fotografia de um buraco negro³. Esta fotografia faz-me pensar nas obras de Mello Brum, pela forma em que habita tanto a realidade com a abstração. A imagem revela um vazio escuro circundado por uma auréola laranja avermelhado que, se retirarmos o seu contexto científico, podia quase ser vista como uma pintura; apesar disso, representa algo real, cuja imensa escala e funções misteriosas torna-a, de certa forma, abstrata. Desta forma, uma descoberta cósmica — como o zumbido de Jansky, a descoberta de buracos negros, a existência de horizontes de eventos, ou a publicação das suas imagens — parece partilhar algumas afinidades com a abstração numa tela bidimensional. Estes fenómenos não apontam simplesmente para o surgimento de algo novo, são ocorrências que,

3 + 1

de alguma maneira, criam estranhamento, ao recalibrarem a forma como percebemos e compreendemos o desconhecido, convidando a um olhar diferente e ritmo de atenção mais lento. Tal como o crítico literário russo Viktor Shklovsky defendeu, a arte deve resistir à absorção imediata, prolongando o tempo de percepção e desta forma desfamiliarizando objectos e formas, acabando por renovar o ato de olhar.

No mesmo ano que a imagem do grande buraco foi capturada, William Basinski lançou o álbum *On Time Out of Time*, que incorpora o som de dois buracos negros, em fusão há 1,3 mil milhões de anos atrás, numa composição ambiente baseada em drones — outra tentativa que transforma um evento cósmico impercetível em algo audível. Penso que o trabalho de Mello Brum ressoa de alguma forma com esta sensibilidade, não apenas com o álbum de Basinski, mas com música ambiente em geral. Esta proximidade talvez seja evidente não só na atenção ao detalhes e estratégias partilhadas de fragmentação e reconfiguração, mas, também, na forma como ambos exigem formas diferentes de ouvir. Tal como Brian Eno notoriamente observou, a música ambiente acomoda vários níveis de atenção sem nunca impor alguma. Pode ser facilmente ignorada ou profundamente absorvida, revelando todas as suas estruturas delicadas, mudanças de timbre e camadas complexas àqueles que estão dispostos a fazer uma pausa. Acredito que uma recompensa semelhante espera aqueles que estão disponíveis para abrandar com as pinturas de Mello Brum.

Nesta viagem em que o artista nos leva entre o cósmico e o terrestre, se suspendermos finalmente o desejo de compreensão imediata e abrandarmos o ritmo de percepção, as suas pinturas — como a música ambiente ou a observação cósmica — podem demonstrar que o conhecimento e admiração não emergem da certeza e rapidez, mas de um relacionamento sustentado com o desconhecido. Quer sejam encontrados num pedaço de bolor, numa pintura abstrata ou no som inaudível do espaço profundo, o mistério e a beleza agem como uma força de estranhamento — deslocando a escala, destabilizando a linguagem e desfazendo a ilusão da centralidade humana. Como Einstein sugere, a capacidade de deslumbramento é o berço de todas as disciplinas, um modo fundamental de conhecimento e sobrevivência. Neste sentido, o trabalho de Mello Brum alinha a pintura, poesia e as metáforas luminosas da ciência pela sua força partilhada de desfamiliarização: nas formas infinitas como fazem o mundo estranho novamente.

Mattia Tosti, 01.2026

Notas:

¹ Einstein, Albert, *The World as I See It*, Citadel Press, 1930

² Rovelli, Carlo, *White Holes*, Adelphi, 2023

³ Esta imagem foi capturada pelo Event Horizon Telescope (EHT) em 2019. Não é um telescópio individual mas uma rede global de observatórios rádio que trabalharam em conjunto para criar esta representação bidimensional.

3 +1

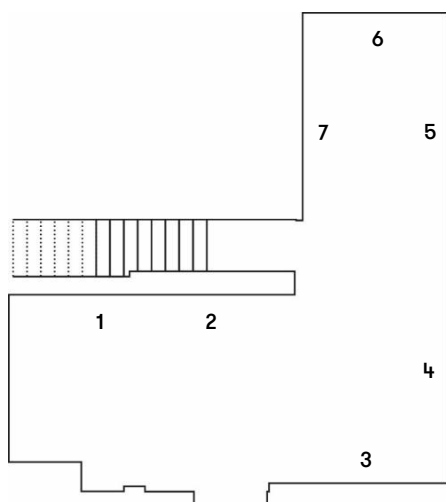
Horizonte de Eventos

Fernando Mello Brum

23.01.26 – 14.03.26

Inauguração 23.01.26, 18h – 21h

GALERIA 1



1. *Firestorm of stars*, 2025

Óleo e bastão de óleo sobre tela, 150 x 120 cm

2. *Não tem altura o silêncio das pedras*, 2025

Óleo e pastel seco sobre tela, 150 x 120cm

3. *Estrela de neutrons*, 2025

Óleo e bastão de óleo sobre tela, 96 x 76 cm

4. *Betelgeuse*, 2025

Óleo e bastão de óleo sobre tela, 160 x 130 cm

5. *Pale blu (supernova)*, 2025

Óleo sobre tela, 50 x 40 cm

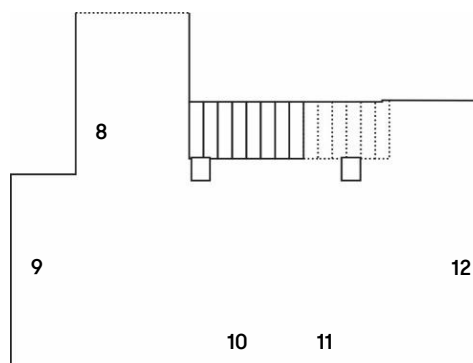
6. *Turbulent indigo*, 2025

Óleo e bastão de óleo sobre tela, 160 x 130 cm

7. *Para encontrar o azul eu uso pássaros*, 2025

Óleo sobre tela, 50 x 40 cm

GALERIA 2



8. *Supermassive*, 2025

Óleo sobre tela, 30 x 24 cm

9. *Parsley, sage, rosemary and thyme*, 2025

Óleo e bastão de óleo sobre tela, 139 x 113 cm

10. *Alpha piscium*, 2025

Óleo e bastão de óleo sobre tela, 100 x 80 cm

11. *Jardim etéreo*, 2025

Óleo sobre tela, 100 x 80 cm

12. *The leaves that are green turn to brown*, 2025

Óleo e bastão de óleo sobre tela, 139 x 113 cm